


Capítulo 65

Unidades fraseológicas: Fraseologismos, frasemas, expressões pluri ou poliverbais, formas cristalizadas, idiomatismos, expressões idiomáticas

Phraseological units: phraseologisms, phrasemes, pluri- or polyverbal expressions, crystallized forms, idioms, idiomatic expressions

 <https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuepesv1-065>

Ivan Pereira de Souza

Doutor em Estudos da Tradução, professor de língua espanhola da Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal.

E-mail: ivansouza@ufpa.br

Antônio Sérgio da Costa Pinto

Doutor em Estudos da Tradução, professor de língua inglesa da Universidade Federal do Pará, campus Belém.

E-mail: sergiofalem@gmail.com

Márcia Goretti Pereira de Carvalho

Doutora em Estudos da Tradução, professora de língua portuguesa da Universidade Federal do Pará, campus Belém.

E-mail: marciagoretticarvalho@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo revisitar o referencial teórico sobre Fraseologia e fraseologismos. A partir de um breve relato histórico dos estudos das unidades fraseológicas nas Ciências do Léxico, essas unidades são identificadas de acordo com os conceitos atribuídos a elas por teóricos como Casares (1950); Zuluaga (1980), Carneado-Moré e Tristán-Pérez (1985); Corpas-Pastor (1996) dentre outros e, no Brasil, em especial, Xatara (1994, 1995, 1998a, 1998b, 2002), Ortíz-Alvarez (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2009), Durão et al. (2004), Durão e Rocha (2005), Silva (2011), Monteiro-Plantin (2011a, 2011b). Destacam-se a eliminação das composições no estudo das unidades fraseológicas e a distinção entre estas e as colocações. Por outro lado, há uma discussão sobre os termos “locução” e “expressão idiomática” na análise das unidades fraseológicas. Sobre as expressões idiomáticas, suas características e classificação, ressaltam-se também as pesquisas, no Brasil, de Xatara (1994, 1998a, 1998b), Ortíz-Alvarez (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2009), Durão et al. (2004), Durão e Rocha (2005), Monteiro-Plantin (2011a,

2011b). À guisa de conclusão, neste artigo considera-se a expressão idiomática como uma unidade lexical, pluriverbal ou frasal, com sentido metafórico, alto grau de idiomaticidade e certo grau de fixação. Essas expressões podem encontrar equivalentes em outras línguas se houver correspondência semântica.

Palavras Chaves: Fraseologia, Unidades Fraseológicas, Expressão Idiomática.

ABSTRACT

This paper aims to revisit the theoretical framework on Phraseology and phraseologisms. Starting from a brief historical account of the studies of phraseological units in Lexical Sciences, these units are identified according to the concepts attributed to them by theorists such as Casares (1950); Zuluaga (1980), Carneado-Moré and Tristán-Pérez (1985); Corpas-Pastor (1996) among others and, in Brazil, especially, Xatara (1994, 1995, 1998a, 1998b, 2002), Ortíz-Alvarez (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2009), Durão et al. (2004), Durão and Rocha (2005), Silva (2011), Monteiro-Plantin (2011a, 2011b). Noteworthy are the elimination of compositions in the study of phraseological units and the distinction between these and collocations. On the other hand, there is a discussion about the terms "locution" and "idiomatic expression" in the analysis of phraseological units. About idioms, their characteristics and classification, we also highlight the research done in Brazil by Xatara (1994, 1998a, 1998b), Ortíz-Alvarez (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2009), Durão et al. (2004), Durão and Rocha (2005), Monteiro-Plantin (2011a, 2011b). By way of conclusion, in this paper we consider an idiom to be a lexical, pluriverbal or phrasal unit with metaphorical meaning, a high degree of idiomacity, and a certain degree of fixity. These expressions can find equivalents in other languages if there is a semantic correspondence.

Keywords: Phraseology, Phraseological Units, Idioms.

1 INTRODUÇÃO

Fraseologismos, frasesmas, expressões pluri ou poliverbais, formas cristalizadas, idiomatismos, expressões idiomáticas, embora sejam denominadas de diferentes formas, essas sequências linguísticas reunidas sob a denominação **unidades fraseológicas** (CASARES, 1950; ZULUAGA, 1980; CARNEADO-MORÉ e TRISTÁ-PÉREZ, 1985; CORPAS-PASTOR, 1996) têm algo em comum: desafiam a delimitação e a definição do conceito de palavra enquanto unidade. Por se tratarem de formações compostas, mais ou menos fixas, recorrentes e idiossincráticas, de comportamento ora previsível, ora impreciso, constituem uma ramificação entre as Ciências do léxico a fim de estudá-las para melhor compreendê-las (ZULUAGA, 1980; CARNEADO-MORÉ e TRISTÁ-PÉREZ, 1985; GARCÍA-PAGE, 2004 e 2008; NAVARRO, 2007; ORTÍZ-ALVAREZ, 2000, 2011 e 2012).

Outros autores, como Corpas-Pastor (1996) e Xatara (1994, 1998a), consideram a Fraseologia uma disciplina autônoma. A essa disciplina fundamentada em métodos próprios e particulares, “situada na fronteira entre a sintaxe e a semântica [...] que tem como objeto de estudo o conjunto de unidades fraseológicas” (MONTEIRO-PLANTIN, 2011b, p. 164) confere-se a denominação de **Fraseologia** (CASARES, 1950; ZULUAGA, 1980; CORPAS-PASTOR, 1996; MONTEIRO-PLANTIN, 2011a e 2011b; SILVA, 2011).

Entende-se também por esse termo a unidade fraseológica propriamente dita em língua portuguesa, sinônimo de **fraseologismo** (ZULUAGA, 1980; HAENSCH et al., 1982; SABINO, 2011; FULGÊNCIO, 2014). A fim de evitar a polissemia do termo, neste artigo, utilizaremos o termo “Fraseologia” para nos referirmos à disciplina e o termo “Unidade Fraseológica” (UF) para nos referirmos à unidade léxica.

O objetivo deste artigo é fazer uma revisão bibliográfica dos principais textos que serviram e ainda servem de base para os estudos sobre expressões idiomáticas na América Latina, sobretudo no Brasil, em um período recente em que essa temática tem recebido muita atenção de pesquisadores. Isso, afortunadamente, culminou na publicação de substancial material sobre pesquisas desenvolvidas para o aprimoramento desta temática no campo da Linguística, do Ensino de línguas e dos Estudos da Tradução. Após recuperar as referências clássicas em um brevíssimo histórico, apresentamos as definições para os conceitos anunciados, as classificações sugeridas, as caracterizações e as delimitações, segundo, obviamente, os estudiosos revisitados.

2 BREVISSIMO HISTÓRICO

A evolução dos estudos sobre a Fraseologia demonstra aspectos interessantes. Um deles é o fato de que os estudos teóricos sempre andaram junto às reflexões e às discussões teóricas. A grande maioria dos

fraseólogos, citados no presente artigo, são também lexicógrafos que se deparam com essas lexias especiais na crítica, mas também na elaboração de dicionários. J. Casares, por exemplo, uma importante referência na Fraseologia espanhola, apresentou suas considerações em um trabalho sobre Lexicografia (CASARES, 1950), assim como também o fez Werner (HAENSCH et al., 1982).

Segundo Corpas-Pastor (1996, p. 54), os primeiros registros de preocupação com o estudo dessas unidades léxicas remontam à Linguística estrutural do Círculo de Praga. Saussure (2001 [1911], p. 44) já atentara, em seu *Curso de Linguística Geral*, para esse tipo de combinação de palavras ou “frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas [...] esses torneios não podem ser improvisados, são fornecidos pela tradição.”. Além de Corpas-Pastor (1996), ao nosso ver a obra mais completa sobre esse assunto, outros autores apresentam uma breve historiografia dos estudos mais representativos sobre Fraseologia. Werner (HAENSCH et al., 1982) recupera em *La lexicografía* uma cronologia dos estudos sobre fraseologismos. No português brasileiro, esse resgate se deu em diversas teses e dissertações nos últimos vinte e cinco anos, com destaque para as publicações de Xatara (1994 e 1998) e de Ortíz-Alvarez (2000) e, mais tarde, no volume *Uma revisão da teoria e da pesquisa fraseológicas* de Ortíz-Alvarez e Unternbäumen (2011).

Em súpula, para esses autores, os primeiros estudos sistemáticos no Ocidente se iniciaram nos anos 30 na União Soviética, cujo maior expoente é Vinogradov (1947). As pesquisas ganharam corpo, principalmente com o final da II Guerra Mundial, em 1945. Nos anos de 1950 se fez conhecer o que viriam a ser as primeiras obras de referência sobre Fraseologia: em língua espanhola a de Casares (1950); em língua francesa a de Bally (1951) e na inglesa a de Firfh (1957). A partir dos anos 60, nos Estados Unidos, foram publicados os trabalhos de Chafe (1968) e Fraser (1970). Já nos anos 70, em Cuba, Zuluaga (1975) fez um resumo dos trabalhos mais importantes nos dois continentes. Na Europa ocidental, surgiram os trabalhos de Coseriu (1977) e novamente de Bally (1979), na França. Nesse período, Werner (HAENSCH et al., 1982) destacou uma bibliografia de linguística soviética em três tomos (1965-1974) somente sobre os problemas de Fraseologia, compiladas em Häusermann (1977). Os escritos soviéticos só chegaram ao Brasil com Ortíz-Alvarez (2000), nos anos 2000.

Nos anos de 1980 temos as contribuições, em língua espanhola, de Zuluaga (1980), Haensch et al. (1982) e Carneado-Moré e Tristá-Pérez (1985). No Brasil, podemos contar com estudos mais sistemáticos nessa década como o de Tagnin (1989). Nos anos 90, enquanto na França aparecem os trabalhos de Mejri (1994, 1997) e Gross (1996), na Espanha surgem os trabalhos de García-Page (1994), Ruiz-Gurillo (1997) e, o que para muitos estudiosos é a principal referência teórica sobre a fraseologia espanhola, o *Manual de fraseología española* de Corpas-Pastor (1996). Durante o século XXI, outros autores espanhóis como Alvarez de la Granja (2002), Navarro (2007), García-Page (2004, 2008) e muitos outros, seguiram os estudos teóricos de seus antecessores.

Em português, destacamos as contribuições de Vilela (1979) e Jorge (1997). Nos anos 90, no Brasil, segundo Ortíz-Alvarez (2011), se percebe um aumento nas pesquisas. Os trabalhos de Xatara (1994, 1995,

1998a e 1998b) foram fundamentais para o que se definiu depois como o primeiro grande momento dos estudos sobre Fraseologia em nosso país, sendo muito citado em estudos nos anos seguintes, também pelo fato de ela ser a replicadora dos escritos sobre Fraseologia em francês. Em 1998, Silva publica *Ensaio de Fraseologia*, uma coletânea de trabalhos acadêmicos sobre Fraseologia na filologia românica elaborados a partir de 1984 na UFRJ. Não obstante, a referência presente até os dias atuais são os trabalhos de Ortíz-Alvarez (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2008, 2009, 2011, 2012). Eles representam um período de pleno desenvolvimento em que se encontram os estudos fraseológicos no português brasileiro. No século XXI, destacamos os trabalhos de Xatara (2002), Durão et al. (2004), Wertheimer (2004), Durão e Rocha (2005), Strehler (2009), Pontes (2010-2011), Tagnin (2005, 2011), Monteiro-Plantin (2011a e 2011b), Sabino (2011), Silva (2007, 2011 e 2012), Rocha (2013), Fulgêncio (2008, 2014), Zavaglia (2010 e 2014 (org.)), dentre outros.

3 A UNIDADE FRASEOLÓGICA

Embora recentemente se venha verificando “um incremento significativo na pesquisa sobre o comportamento dessas sequências linguísticas [...]” (FULGÊNCIO, 2014, p. 180) e os estudos sobre Fraseologia tenham se difundido muito nas últimas décadas no Brasil¹, seu objeto de interesse, que chamaremos aqui de unidade fraseológica ou de fraseologismo, tem despertado o interesse de linguistas, tradutores e professores de língua já há algum tempo. “Essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco; são elementos convencionados que refletem o jeito como a gente diz” (TAGNIN 2005, p. 19).

Quanto à taxionomia, segundo Fulgêncio (2014, p. 180), “embora ganhem nomes variados nos diversos trabalhos e abordagens (como fraseologismos, idiomatismos, frasemas, expressões fixas, expressões idiomáticas e tantos outros)”, é preciso aqui fazer uma subcategorização capaz de agrupar a taxionomia segundo alguns critérios que permitam definir as terminologias que apresentam divergência entre os conceitos, pois como adverte Sabino (2011)

[...] os problemas fundamentais dos estudos fraseológicos estão centrados, especialmente na profusão terminológica gerada pelos próprios estudiosos da área, na dificuldade de estabelecimento de critérios precisos para seu reconhecimento, bem como nas diferentes classificações empregadas nas pesquisas científicas desenvolvidas até o presente momento. (SABINO, 2011, p. 385-386).

Podemos comprovar as palavras de Sabino tanto em Corpas-Pastor (1996, p. 16) como em Silva (1998, p. 12): não há consenso entre os estudiosos sobre a definição (delimitação) e classificação das unidades fraseológicas. Entre os autores que estudam a língua espanhola, Casares (1950) utiliza para denominação genérica dessas estruturas linguísticas tanto o termo **Expressão pluriverbal** (*expresión pluriverbal*) como **Unidade fraseológica** (*unidad fraseológica*) e **Fraseologismo** (*fraseologismo*). Zuluaga

¹ Vale destacar o aumento significativo dessa disciplina nos cursos de pós-graduação. Em 2011, ocorreu, em Brasília-DF, o primeiro Congresso Brasileiro de Fraseologia, onde foram apresentados cerca de 120 trabalhos neste tema, ocasião também em que foi criada a Associação Brasileira de Fraseologia. (MONTEIRO-PLANTIN, 2011a, p.161); cf. Ortíz-Alvarez (2012).

(1980) utiliza os termos **Unidade fraseológica** (*unidad fraseológica*) e **Fraseologismo** (*fraseologismo*). Haensch et al. (1982) faz uso dos termos **Expressão pluriverbal** (*expresión pluriverbal*) e **Unidade fraseológica** (*unidad fraseológica*) ou **Fraseologismo** (*fraseologismo*); García-Page e Sanchez (2004, 2008) utilizam o termo **Expressão fixa** (*expresión fija*). Corpas-Pastor (1995), em um primeiro momento, utilizou o termo **Expressão pluriverbal** (*expresión pluriverbal*). Depois, em seu trabalho mais referido, o *Manual de fraseologia española*, em 1996, essa autora faz uso de **Unidade fraseológica** (*unidad fraseológica*) e de **Fraseologia** (*fraseología*).

Entretanto, na terminologia empregada por alguns autores, a despeito das escolhas tradutórias no caso das obras concebidas em língua estrangeira, Fulgêncio (2014) considera que

[...] há sempre uma noção comum subjacente a todas essas terminologias: trata-se de grupos de palavras convencionais que se repetem consistentemente entre os falantes, conhecidos por vários indivíduos tal qual qualquer palavra da língua e que, portanto, não são montados ou construídos no momento do enunciado. Ao contrário, são sequências de mais de uma palavra que são recuperadas da memória como um bloco ou um único item léxico. (FULGÊNCIO, 2014, p. 180-181).

As unidades fraseológicas, desta forma, são definidas e delimitadas segundo as suas características. Na língua portuguesa, Monteiro-Plantin (2011a, p. 164), seguindo as orientações de Corpas-Pastor (1996), define as unidades fraseológicas como “[...] sequências linguísticas, constituídas por pelo menos dois elementos, [...] de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, convencionalizadas pelo uso e que constituem a competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, [...]”. Nos ensaios de Silva (1998, p. 12), na perspectiva da filologia românica, com base em Coseriu (1977), o autor considera “‘o discurso repetido’ qualquer tipo de expressão fixa cujos elementos não sejam substituídos ou recambiáveis segundo as regras atuais da língua, importando, principalmente, o seu conceito de expressão pré-fabricada”. Com base em escritos anteriores sobre a fraseologia na língua espanhola, Navarro (2007, p. 2) define as unidades fraseológicas como “[...] combinações léxicas que se caracterizam pela fixação interna e unidade de significado, isto é, apresentam estabilidade semântico-sintática, equivalem ao lexema simples ou ao sintagma, podem pertencer a vários tipos categoriais e cumprem diversas funções sintáticas.”². Para Corpas-Pastor (1996), as unidades fraseológicas são

[...] unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior situa-se no nível da oração composta. Tais unidades caracterizam-se por sua alta frequência de uso, e de coocorrência de seus elementos integrantes, por sua institucionalização, entendida em termos de fixidez e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variações potenciais, assim, como pelo grau em que ocorrem todos estes aspectos nos diferentes tipos³. (CORPAS-PASTOR, 1996, p. 20).

² “[...] combinaciones léxicas que se caracterizan por la fijación interna y unidad de significado, es decir, presentan estabilidad semántico-sintáctica, equivalen al lexema simple o al sintagma, pueden pertenecer a varios tipos categoriales y cumplen diversas funciones sintácticas.” (NAVARRO, 2007, p. 2).

³ “[...] unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variaciones potenciales; sí como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos. (CORPAS-PASTOR, 1996, p. 20).

Para Martínez de Sousa (2009, p. 121), a **Fraseologia** é “o conjunto de modos de expressão de uma língua, grupo humano, época, atividade, etc.” ou pode ser definida também como um “[...] conjunto de expressões figuradas, metáforas e associações figuradas, modismos e refrãos. Também é chamada assim a parte do artigo lexicográfico em que se agrupam e definem as frases formadas entorno ao lema de entrada.”⁴ (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 121)

Vejamos agora como a caracterização das unidades fraseológicas pode subclassificar os diferentes tipos.

4 ELIMINANDO AS COMPOSIÇÕES

A definição de Corpas-Pastor (1996) sobre as unidades fraseológicas, com base em escritos anteriores (Casares, Zuluaga, Tristán-Pérez, Carneado-Moré, Haensch et al.), é uma das mais citadas na bibliografia fraseológica posteriormente. Tal definição elimina as chamadas **composições** dentre as unidades fraseológicas, uma vez que estabelece como limite inferior mais de duas palavras gráficas (critério morfológico) e como limite superior a oração composta, por exemplo, o ditado português “cão que ladra não morde”. Além de Corpas-Pastor, outros estudiosos apontam a propriedade não-composicional das expressões idiomáticas. Para o gramático espanhol Lang (1995, p. 91), “o conceito de composição implica um estágio intermediário entre a palavra e a frase. Uma estrutura composta por duas ou mais palavras unidas graficamente comporta indiscutivelmente o *status* de composto.”⁵

No Brasil, Alves (1990, p. 52) distingue o composto sintagmático do composto propriamente dito. Essa autora observa, por exemplo, que os lexicógrafos manifestam diferença entre o composto já fixo e os sintagmas em transição. Diferentemente das fraseologias ou fraseologismos, as composições são tratadas pela gramática. Muitos autores as consideram como formação dentro da classe nominal. Para Bechara (1999, p. 294), “por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: papel-moeda, boquiaberto, planalto”. Os dicionários reconhecem também, há muito, essas estruturas como lexicalizadas.

5 DISTINGUINDO COLOCAÇÕES

Sobre a distinção entre os conceitos de **unidade fraseológica** ou **fraseologismo** e de **colocação**, Zuluaga (1980) esclarece que “as colocações são construções linguísticas compostas, intermediárias entre livres e idiomáticas, já que apresentam traços comuns ambas”. Para Tagnin (1989), as colocações “diferem dos sintagmas livres; já que o termo colocação (*collocation* em Firth, 1957) designa casos de coocorrência léxico-semântica, ou seja, palavras que usualmente andam juntas”. Para Corpas-Pastor (1996, p. 51), as

⁴ “[...] conjunto de modos de expresión de una lengua, grupo humano, época, actividad, etcétera, o el conjunto de expresiones figuradas, metáforas y comparaciones figuradas, modismos y refranes. También se llama así la parte del artículo lexicográfico en que se agrupan y definen las frases formadas en torno a la voz de entrada.” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 121).

⁵ “el concepto de composición implica un estadio intermedio entre la palabra y la frase. Una estructura compuesta por dos o más palabras unidas gráficamente compuesta indiscutiblemente el *estatus* de compuesto.” (LANG, 1995, p. 91).

colocações “[...] são unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas completamente livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso”⁶. Para Biderman (2005, p.71), “as colocações são sequências semanticamente transparentes, formadas por itens lexicais que geralmente coocorrem”. Entretanto, como adverte García-Page (2008, p. 83) sobre as classificações existentes em relação às expressões fixas, “as coisas não são tão evidentes. Os critérios, às vezes, se aplicam segundo o interesse do estudioso em cada caso. [...]”⁷.

Diferenciar uma colocação de uma formação mais fixa pode ser confuso, pois definir se a colocação está no estágio transitório de fixação ou se já alcançou o *status* de expressão cristalizada pode não ser fácil. Além disso, há outra variável, da qual depende a primeira: a institucionalização. Vejamos como alguns estudiosos apresentaram essa diferenciação. Dentre esses estudiosos, Werner (HAENSCH et al., 1982) afirma que, geralmente, se pode dividir as Expressões pluriverbais (unidades fraseológicas) em dois grandes grupos: as colocações (formas livres) e o que ele chama de combinação fixa de lexemas (forma presa):

- a) As colocações, que ainda podem ser trocadas livremente, mas pouco a pouco se tornam habituais. Estas representam a possibilidade de combinar um lexema com outros lexemas que ocorrem com mais frequência.
- b) Combinação fixa de lexemas, como, por exemplo, unidades fraseológicas, expressões idiomáticas, unidades de discurso repetido (ditos e citações), etc., cujos lexemas individuais não são mais livremente intercambiáveis. O grau de intercambialidade, diferente em cada caso, ou seja, o caráter fixo dessas uniões entre lexemas é o que é tomado como critério para estabelecer as diferentes classes.⁸ (HAENSCH et al., 1982, p. 251).

Segundo esse autor, “[...] se entende aqui por ‘colocação’ a tendência sintático-semântica das palavras de uma língua a adotar tão somente um número limitado de combinações com outras palavras entre uma grande quantidade de combinações possíveis”⁹ e por “[...] combinação fixa de lexemas, ao contrário das colocações, as combinações fixas de lexema estão sujeitas a restrições mais ou menos rigorosas em seu uso.”¹⁰ (HAENSCH et al., 1982, p. 251) Da mesma forma, Casares (1950) faz distinção entre **locuções** e **fórmulas pluriverbais**, Zuluaga (1980) faz distinção entre **locuções** e **enunciados fraseológicos** e Corpas-Pastor (1996) o faz entre **colocações**, **locuções** e **enunciados fraseológicos**.

⁶ “[...] son unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso.” (CORPAS-PASTOR, 1996, p. 51).

⁷ “las cosas no son tan evidentes. Los criterios a veces se aplican según el interés del estudioso en cada caso. [...]” (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 83).

⁸ a) Las colocaciones, que todavía pueden intercambiarse libremente, pero que poco a poco se van habitualizando. Éstas representan la posibilidad de combinación de un lexema con otros lexemas que se da con mayor frecuencia.

b) Combinación fija de lexemas como, por ejemplo, unidades fraseológicas, modismos, unidades del discurso repetido (refranes y citas), etc., cuyos lexemas individuales ya no son libremente intercambiables. El grado de intercambiabilidad, diferente en cada caso, es decir, el carácter fijo de estas uniones entre lexemas es lo que se toma como criterio para establecer las distintas clases. (HAENSCH et al, 1982, p. 251).

⁹ “[...] se entiende aquí por ‘colocación’ la tendencia sintáctico-semántica de las palabras aisladas de una lengua a adoptar tan sólo un número limitado de combinaciones con otras palabras entre una gran cantidad de posibles combinaciones.” (Idem).

¹⁰ “[...] combinación fija de lexemas, al contrario de las colocaciones, las combinaciones fijas de lexemas están sujetas a restricciones más o menos rigurosas en su uso.” (Ibidem).

6 LOCUÇÕES X LOCUCIONES: COLOCAÇÃO OU EXPRESSÃO?

Nota-se que o termo **Locução** usado por Casares (1950) se repete em Zuluaga (1980) e Corpas-Pastor (1996). Esse termo também é usado por García-Page (2004 e 2008). O sentido empregado por esses autores caracteriza o termo *locución* como expressões cujo significado global não corresponde à somatória do sentido de cada um dos seus elementos. Percebe-se também que esse termo é inerente ao princípio do que os autores chamam de **idiomaticidade**. Porém, em língua portuguesa, tanto o léxico como a gramática tradicionalmente utilizam o termo **locução** para formações não metafóricas constituídas de sintagmas nominais, verbais, adjetivais e adverbiais como “tábua de passar”, “foi abastecer”, “bastante velho” e “com muito cuidado”, respectivamente. Em espanhol, assim como Casares, Corpas-Pastor (1996, p. 88) reconhece que esse termo também engloba as expressões não metafóricas. Assim, entendemos que o termo espanhol *locución* é demasiado genérico para um conceito restrito em português e, portanto, não reconhecido como equivalente. Por hora mantemos o termo locução como equivalente de *locución* em espanhol.

Corpas-Pastor (1996, p. 50-51) apresenta três categorias fundamentais em que podem ser classificados os fraseologismos. São elas: colocações, locuções e enunciados fraseológicos. No entanto, essa classificação, apesar de ser fundamental, não é a única. Segundo García-Page (2008),

As classificações existentes sobre as locuções e os fraseologismos não são coincidentes, muitas vezes devido aos pressupostos em que se baseiam não serem os mesmos [...] A maioria das classificações se estabelece tendo em conta toda categoria a que equivale a locução em seu uso funcional dentro da oração gramatical.¹¹ (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 82).

Autores como Casares, Zuluaga, Tristán-Pérez, Corpas-Pastor, Ruiz-Gurillo classificam as Expressões pluriverbais ou *locuciones* segundo sua função sintática. Em um breve recorrido, somente nas principais propostas de classificação da Fraseologia espanhola, ainda que encontremos divergências, aparentemente, na taxionomia utilizada pelos autores de maior relevo, notam-se mais semelhanças do que diferenças. Por exemplo, Casares (1950) classifica as *locuciones* em significantes e conexivas. As Significantes, por sua vez, se dividem em nominal, adjetival, verbal, participial, adverbial, pronominal, exclamativa e as Conexivas, em conjuntiva e prepositiva. As Nominais ainda se dividem em denominativa, singular e infinitiva e as Denominativas, em geminada e complexa. Zuluaga (1980) entende que as *locuciones* podem ser instrumentos gramaticais, unidades léxicas ou sintagmas. Os instrumentos gramaticais, por sua vez, se dividem em prepositiva, conjuntiva e elativa e as unidades léxicas se dividem em nominal, adnominal, adverbial e verbal.

Quanto aos fraseologismos, Carneado-Moré (1983) é mais simples, dividindo-os em nove categorias: verbal, reflexivo, propositivo, *con hecho*, conjuntivo, *con la/las*, nominal, adjetival, adverbial.

¹¹ Las clasificaciones existentes sobre las locuciones y los fraseologismos no son coincidentes, muchas veces debido a que los presupuestos en que se basan no son los mismos [...] La mayoría de las clasificaciones se establece teniendo en cuenta sobre todo la categoría a que equivale la locución en su uso funcional dentro de la oración gramatical. (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 82).

Corpas-Pastor (1996) parece seguir essa tendência e classifica-os em somente sete categorias: nominal, adjetiva, adverbial, verbal, prepositiva, conjuntiva e clausal. Assim como Alvarez de la Granja (2002 [2003]) divide em substantiva, adjetiva, adverbial, verbal, preposicional, conjuntiva, pronominal. Ruiz-Gurillo (2001), mais econômico, os classifica em seis categorias: nominal, adjetiva, verbal, adverbial, marcadora, prepositiva e clausal. García-Page (2004) amplia novamente essa classificação para oito categorias: nominal, pronominal, adjetiva, verbal, adverbial, prepositiva, conjuntiva e oracional.

Segue abaixo um quadro com propostas de classificação das Locuções por alguns autores, segundo García-Page (2008):

Autor	Classificação
CASARES (1950)	significantes e conectivas
ZULUAGA (1980)	instrumento gramatical e unidade léxica /sintagma
CARNEADO-MORÉ (1983)	verbal, reflexiva, prepositiva, com <i>hecho</i> , com <i>la</i> , <i>las</i> , conjuntiva, nominal, adjetiva e adverbial
CORPAS-PASTOR (1996)	nominal, adjetiva, adverbial, verbal prepositiva, conjuntiva e clausal
RUIZ-GURILLO (2001)	nominal, adjetiva, verbal, adverbial, marcadora, prepositiva e clausal
ÁLVARES DE LA GRANJA (2002)	substantiva, adjetiva, adverbial, verbal preposicional, conjuntiva e pronominal
GARCÍA-PAGE (2004)	nominal, pronominal, adjetiva, verbal, adverbial, prepositiva, conjuntiva e oracional.

7 AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Entre as unidades fraseológicas, existe uma subclassificação que desperta interesse particularmente por constituírem um terreno fértil não só para pesquisas sobre Fraseologia, mas também para outras áreas como tradução e o ensino de língua materna e estrangeira: as **expressões idiomáticas** (EIs). Além de não contar com tantos trabalhos mais profundos em língua portuguesa (variedade brasileira), se comparado a outros vernáculos até os anos 1980, tal temática nos é cara também por outro motivo: sua furtividade. Isso para tratar tanto de temas didáticos não só sob a perspectiva contrastiva – nem por isso menos comunicativa – quanto para permitir a exploração de níveis de conteúdos socioculturais pertinentes ao ensino de línguas e tradução, uma vez que

(...) refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de uma determinada comunidade, elas constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiosincrasia de um povo. Sua função é representar metaforicamente um conceito, tornando-o mais expressivo (ORTÍZ-ALVAREZ, 2000, p.126).

Entretanto, a taxionomia sofre das mesmas eventualidades do seu termo hiperônimo Fraseologia. Para Sabino (2011, p. 394), há “[...] uma profusão terminológica nos estudos fraseológicos, que dificulta [...] o reconhecimento e a classificação dos tipos de fraseologismos, o mesmo acontece com o tipo de fraseologismo tradicionalmente conhecido como Expressão idiomática”. Em contrapartida, “Por unidades

linguísticas não idiomáticas entendemos um número infinito de combinações previstas pelas regras da língua e que obedecem ao princípio da composicionalidade” (WERTHEIMER, 2004, p. 231), como as locuções e as colocações.

As **parêmysias**, como citações, ditados, provérbios e refrãos, apesar de ocuparem o centro da categoria idiomática, constituem um caso à parte.

8 O TERMO EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Voltando aos autores anteriormente mencionados neste artigo, alguns se referem àquilo que chamaremos aqui de Expressões Idiomáticas (EIs) usando outras terminologias - salvo, repetimos, os possíveis desajustes de tradução -, como, por exemplo, “locuções” (CASARES, 1950), “locuções fraseológicas” (BALLY, 1951); “expressões fixas” (ZULUAGA, 1980); “aderências” (CARNEADO-MORÉ, 1985); “sintagmas cristalizados/ unidades complexas do léxico” (BIDERMAN, 2005), para só citar alguns. No entanto, como pudemos rapidamente observar anteriormente, tais termos se tornam imprecisos no momento de estabelecer a correspondência com os termos usados por fraseólogos no português brasileiro. Acreditamos que essa confusa profusão de termos se justifica pela matriz multinacional das bases teóricas estrangeiras utilizadas por cada um dos estudiosos brasileiros.

O termo parece ter sido importado, em contexto de estudo de língua estrangeira, provavelmente do inglês, *Idioms*, que se traduziu como “expressão idiomática” ou “idiomatismo”, para denominar as estruturas linguísticas que possuem sentido figurado, criados, usados e compreendidos pelos nativos no idioma. Fraser (1970, p. 22) define um idiomatismo como um “[...] constituinte ou séries de constituintes para os quais a interpretação semântica não é a soma dos elementos dos quais ela é composta. Expressões como ‘*figure out*’, ‘*make love to*’, ‘*beat around the bush*’, ‘*by accident*’, ‘*pass the buck*’ [...]”¹². Para esse autor, esses são exemplos de idiomatismos.

Em espanhol também há esse conceito, porém, como já foi dito, o termo *locución* também engloba as formações de sentido literal. Por sua vez, expressão idiomática, “como o próprio nome sugere tem sempre sentido opaco ou idiomático, em maior ou menor grau [...]” (SABINO, 2011, p. 398). Essa autora também observou que “o que Xatara (1998) chama de Expressão idiomática, Corpas-Pastor (1996) chama de “*locución*”. Sabino (2011, p. 398) também afirma que o termo “expressão idiomática” é “uma denominação alternativa, pois equiparar os termos implicaria em nivelar todas as unidades fraseológicas pelo critério conotativo, o que não é verdade.”

Parece-nos que o conceito vinculado ao termo “expressão idiomática” tem como traço distintivo principal o que os estudiosos chamam de idiomaticidade, ou seja, a unidade léxica em questão é moldada em um contexto sociolinguístico específico e o sentido, em menor ou maior grau, é sempre metafórico.

¹² “[...] constituent or series of constituents for which the semantic interpretation is not a compositional function of the formatives of which it is composed. Expressions such as *figure out*, *make love to*, *beat around the bush*, *by accident*, *pass the buck*, [...]” (FRASER, 1970, p. 22).

Ruiz-Gurillo (1997) entra na discussão sobre o critério de idiomaticidade definindo níveis de opacidade / transparência de uma expressão, e afirma que “há umas (unidades) mais centrais, mais fraseológicas que outras”, pois esse autor considera o nível de fixidez e o de idiomaticidade variáveis. Por outro lado, os ditados e provérbios se caracterizam por expressões (altamente) fixas, (altamente) cristalizadas e consagradas (alta ocorrência) pelo uso (RUIZ-GURILLO, 1997). Em outras palavras, “quanto mais idiomático o fraseologismo, mais tende a ocupar o centro da categoria fraseológica, ou seja, seu protótipo. [...] quanto mais fixo o fraseologismo, mais tende a ocupar o centro da categoria, já as formas menos fixas se situam na periferia.” (PONTES, 2010-2011, p.131). Porém, vamos tratar desse tema mais adiante, ainda neste artigo.

9 DEFINIÇÃO

Entre os principais autores e obras que tratam dessa temática no Brasil é raro encontrar trabalhos que não se fundamentem ou mesmo não mencionem as contribuições de Xatara (1995, p. 195). Essas contribuições remetem a uma etapa inicial dos estudos fraseológicos no país. Sobre o recurso linguístico que representa as expressões idiomáticas, segundo esta autora:

Muitas vezes o léxico de uma língua não dispõe em seu acervo de unidades lexicais apropriadas para expressar certas nuances de sentimento, emoção, ou sutileza de pensamento do falante. Por não encontrar no repertório disponível os elementos de que necessita para sua comunicação ou expressão verbal em determinada situação, o falante lança mão de combinatórias inusitadas, ou seja, originais, buscando um efeito de sentido. Congelando-se e difundindo-se pela comunidade dos falantes, tais combinatórias originam expressões idiomáticas (EIs). (XATARA, 1995, p. 195).

Também pertence a essa autora a definição de maior aceitabilidade entre os estudiosos do tema em língua portuguesa, na variante brasileira. Segundo ela, “Expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998b, p. 149). Não obstante, para a autora, “seriam expressões idiomáticas clichês ou chavões, estereótipos ou lugares-comuns, fórmulas situacionais, locução fraseológica e fraseolexema.” (XATARA, 1998a, p. 152-153).

Outros autores brasileiros parecem seguir essa tendência de definição baseada em lógica aristotélica de gênero próximo e diferença específica, o que parece ser bem conveniente quando tratamos de termos hipônimos. Em outros casos, não. Para Tagnin (2005, p. 16) “uma expressão idiomática define-se como tal quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde a somatória do significado de cada um de seus significados.” Já outros autores decidiram defini-la por caracterização. De acordo com Pontes (2010-2011, p. 133), “a Expressão idiomática é definida como sintagma lexical relativamente fixo, cujo significado não reflete os significados de suas partes constituintes”. Conforme Wertheimer (2004),

Uma expressão que se mantenha fixa, que não permita nenhuma alteração de ordem sintática ou semântica em seus elementos, pode ser comparada a qualquer item lexical e dispensa um tratamento mais específico [...] Presentes em todas as línguas humanas (incluindo aqui as línguas de sinais), as EIs parecem constituir blocos fixos de palavras que perderam seus significados individuais e que,

juntas, possuem um sentido global e convencionalizado pelo uso. (WERTHEIMER, 2004, p. 229-230).

Outra referência que não pode ser ignorada, sequer diminuída dado o volume de sua produção científica nessa área há mais de duas décadas no Brasil é a obra de Ortíz-Alvarez. A autora define expressões idiomáticas da seguinte forma:

[...] na nossa concepção uma expressão idiomática pode ser definida como uma unidade sintática e semântica. Ela forma uma estrutura sintagmática complexa que resulta numa unidade lexical conotativa e se refere a uma realidade específica com um sentido particular. O significado dela resultante independe do significado dos lexemas isolados que a compõe. Sua extensão de sentido é metafórica e o que mantém a unidade lexical é o todo significativo; são os lexemas gerando um novo sentido ao se combinarem que justifica a sua opacidade e o fato de serem indecomponíveis. (ORTÍZ-ALVAREZ, 2011, p. 124).

Nessa perspectiva, assim como para outros autores, as expressões podem ser substituídas por qualquer item léxico de igual valor sintático, ainda que sua estrutura morfológica fuja a qualquer tipo de classificação. Desta forma, a valência, ou distribuição, está limitada ao momento e à necessidade do discurso.

Independentemente do tipo de definição mais ou menos apropriada ao conceito de expressão idiomática, ao nosso ver, é difícil definir e/ou reconhecer no discurso uma EI. Desta maneira, mais importante talvez que uma definição apropriada é a caracterização dessas formas linguísticas. Para tanto, o estabelecimento de uma taxinomia consensual é imprescindível para o amadurecimento da disciplina, ou como salienta Xatara (1998b, p. 174-175):

O estabelecimento de uma tipologia de EI, assim como de seu próprio conceito, vem corroborar a possibilidade de um estudo cada vez mais sistemático sobre essas unidades lexicais que, embora tenham importantes implicações em uma manifestação mais expressiva da linguagem, na busca pelos efeitos de sentido e na comunicação em língua estrangeira, são pouco consideradas nas pesquisas em Lexicologia/ Lexicografia. Unidades lexicais tão usuais e tão esquecidas. (XATARA, 1998b, p.174-175).

Além do desenvolvimento e aprimoramento de metodologia fraseográfica ou lexicográfica de maneira geral, a definição de modelos e padrões podem ajudar a resolver problemas não só da metalexigrafia como também de técnicas de tradução e de ensino de língua materna e estrangeira. Por exemplo, a lexicografia, com base em *corpora*, depende e muito dos algoritmos que permitiriam a identificação precisa do que é ou não unidade fraseológica e/ou expressões idiomáticas. Isso só é possível com uma amostra considerável de textos e de ferramentas de informática refinadas para tal e, para tanto, é necessário definir com precisão todas as características de uma EI.

10 CARACTERÍSTICAS DAS EIS

Para entendermos melhor o conceito de expressão idiomática, ou idiomatismo, estabelecemos uma caracterização por meio da exposição das suas particularidades a partir da definição apresentada por Xatara (1998b) citada no tópico anterior. Segundo a autora,

Lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; indecomponível porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; conotativa porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir das somas dos seus elementos sem considerar os significados individuais destes; cristalizada porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra. (XATARA, 1998b, p. 170).

Tal visão, mais detalhada que a de Xatara tem base nos escritos de Corpas-Pastor (1996). Segundo esta autora, são características inerentes e mais relevantes para as chamadas *locuciones*, ou expressões idiomáticas, a **frequência** (*frecuencia*), a **institucionalização** ou convencionalização (*institucionalización*), a **estabilidade** ou a **fixidez** (*estabilidad* o *fijación*), a **idiomaticidade** ou a propriedade semântica de transparência ou opacidade, em que o significado global não corresponde a soma dos sentidos de cada um dos seus elementos, ou seja, não é composicional (*idiomaticidad*), a **variação** ou as diferenças na sua forma, mas não no seu sentido (*variación*) e a **gradação** ou restrição distribucional, do mais fixo ao menos fixo (*gradación*) (CORPAS-PASTOR, 1996, p. 20-30). O mesmo caminho parece ser seguido por outros autores. Sabino (2011, p. 388 apud CORPAS-PASTOR, 1996) elenca sete características das EIs: Configuração multivocabular; Indecomponibilidade (fechadas); Estabilidade; Sentido conotativo; Grau de idiomatidade; Frequência; Variantes.

Abaixo um quadro que apresenta a Caracterização das expressões idiomáticas segundo alguns autores:

Autor	Características
CORPAS-PASTOR (1996)	Frequência, institucionalização, estabilidade, idiomatidade, variação e gradação.
XATARA (1998b)	Lexia complexa, indecomponível, conotativa, cristalizada.
SABINO (2011)	Multivocabular, indecomponibilidade, estabilidade, sentido conotativo, grau de idiomatidade, frequência e variação
ORTÍZ-ALVAREZ (2000)	Pluriverbalidade, estabilidade e sentido figurado

Segundo Xatara (1995, p. 205), uma expressão idiomática “[...] nasce de uma combinatória de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa”. Ainda conforme a autora “As EIs são definidas, então como não-composicionais, isto é, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos. Por exemplo: em ‘apitar na curva’, não é ‘apitar + na curva’ que vai dar o sentido idiomático de morrer” (XATARA, 1995, p. 205),

diferentemente de cesta + básica que dá o sentido de ração mensal. Para Ortíz-Alvarez (2000, p. 140), as EIs são caracterizadas pela pluriverbalidade, pela estabilidade e pelo sentido figurado. Como traços distintivos, essa autora lista a combinabilidade, a expressividade, a convencionalidade, a idiomaticidade, a metaforicidade, a opacidade e a fixação.

11 CLASSIFICAÇÃO DAS EIS

Igualmente longe de consenso está a classificação dessas unidades. Alguns autores tendem a classificá-las pela função que exercem no enunciado; outros, pelo nível de fixação ou conotação. Outros, ainda, acreditam que é possível classificá-las segundo a unidade dentro da unidade, isto é, seus componentes. Segundo Xatara (1998a), o termo “lexia complexa” é muito abrangente, vai das locuções aos provérbios. Essa poderia ser uma equivalência mais apropriada para o termo *locución*. Essa pesquisadora elenca três características que limitam e deixam mais específica a definição: “lexia complexa indecomponível, lexia complexa conotativa e lexia complexa cristalizada”. Assim ela exclui as locuções como “ao lado de” e “desde que”; as combinatórias usuais como “apoio incondicional”; as perífrases verbais como “correr o risco”, “dar um passeio”; os ditados e provérbios como “quanto mais se tem, mais se quer”; as gírias; e os sintagmas terminológicos como “válvula redutora de pressão” (XATARA, 1998a, p.151-152).

As expressões idiomáticas podem ser verbais (esticar a canela), comparativas (como a palma da mão) e adjetivas (ser de maior e vacinado) (PONTES, 2010-2011, p. 133). Para Xatara, (1998b) a classificação pode ser baseada nos aspectos semântico e morfossintático, ou elementos definidores: lexia complexa e conotação. No caso das EIs de natureza estrutural, essa autora apresenta: sintagmas nominais (cabeça de vento), sintagmas de função adjetiva (são e salvo), sintagmas de função adverbial (por baixo dos panos), sintagmas verbais (queimar etapas, pentear macaco) e sintagmas frasais (vá plantar batata, [com ênfase, senão é verbal!]) (XATARA, 1998b, p. 171). Ou pelo seu valor conotativo ou segundo a escala de abstração (fortemente conotativa e fracamente conotativa) (XATARA, 1998b, p. 171-172). No entanto, para García-Page (2008, p. 82-83), “[...] além da função e do significado, na identificação de uma expressão, a estrutura morfológica da construção também frequentemente intervém, mesmo inconscientemente ou intuitivamente.”¹³. Já no trabalho de Ortíz-Alvarez (2000) que trata de equivalências em par de línguas, ela as classifica, para efeito metodológico, em elementos formais semelhantes e conteúdos diferentes, ou conteúdos diferentes e formas diferentes, etc.

Por fim, Fulgêncio (2014, p. 181) nos recorda de uma taxionomia presente na literatura, “[...] uma tipologia das expressões que classifica os fraseologismos em classes intituladas zoomorfismos, botanismos, gastronomismos”. Outros autores, incluindo este artigo, também consideram essa classificação (MONTEIRO-PLANTIN, 2011b; ZAVAGLIA, 2010). Ainda conforme Fulgêncio (2014), “essa tipologia

¹³ “[...] además de la función y el significado, en la identificación de una expresión también interviene con frecuencia, siquiera inconscientemente o de manera intuitiva, la estructura morfológica de la construcción.” (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 82-83).

leva em conta a semântica dos itens internos à expressão. Assim, se uma expressão inclui uma palavra referente a um animal como ‘brigar feito cão e gato’, seria classificada como zoomorfismo.”. Esta linguista rechaça veementemente esta proposta com questionamentos não muito diferentes dos que problematizaremos a seguir: Como classificar expressões que não tem nenhum nome? Como classificar expressões cujo nome que apresenta não se realiza fora da expressão? Como classificar expressões cujo sema dos elementos integrantes se perdeu em prol da expressão como um todo? Segundo Fulgêncio (2014),

O inconveniente mais grave refere-se ao fato de essa taxionomia levar a pensar que classes como zoomorfismos ou botanismos incluiriam traços comuns ou indicariam componentes semelhantes entre seus membros, ou seja, entre as expressões incluídas em cada classe; isso, no entanto não se verifica. E assim, a classificação proposta pode induzir a falsas conclusões. (FULGÊNCIO, 2014, p. 193).

Desta maneira, concordamos com a imprecisão dos termos “botanismo” ou “gastronomismo”. No entanto, também acreditamos que tal classificação pode ser útil para definir o recorte de uma amostra para pesquisas em fraseologia. É conveniente, igualmente, para estudos em perspectivas socioculturais.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a modo de conclusão, consideraremos a expressão idiomática uma unidade lexical, que pode ser pluriverbal ou de tipo frasal, cujo sentido seja sempre metafórico, com alto grau de idiomaticidade e certo grau de fixação. Elas podem ser subcategorizadas segundo a função que desempenham no enunciado, haja vista que sua necessidade para o falante, ocupa, antes do sentido, um lugar no contexto, seja para nominar, adjetivar ou expressar uma ação. Desta forma, podem ser classificadas em nominais, verbais, adjetivas, adverbiais ou exclamativas. Por fim, como podem ser equiparáveis a qualquer item lexical de uma língua, podem encontrar equivalência em outras línguas, desde que haja nela correspondência semântica, em paráfrase ou mesmo em expressão equivalente.

REFERÊNCIAS

- Alvarez de la granja, m. Aproximación ó estudio das unidades fraseolóxicas en galego: as locucións verbais. Santiago de compostela: universidade de santiago de compostela, 2002.
- Alves, i.m. Neologismo: criação lexical. São paulo: ática. 1990.
- Bally, c. Traité de stylistique française. 3ed. Paris: Klincksieck. 1951. 2v.
- Biderman, m.t.c. Unidades complexas do léxico. In: rio-toro, g.; figueiredo, o.m.; silva, f. (org.). Estudos em homenagem ao professor mario vilela. 1 ed. Porto: faculdade de letras – universidade do porto, v. 2, 2005. P. 747-757.
- Carneado-moré, z.v. Consideraciones sobre la fraseografía in: carneado-moré, z.v; tristá-perez, a.m. Estudios de fraseología. La habana: editorial de ciencias sociales, 1985. P. 39-46.
- Casares, j. Introducción a la lexicografía moderna. Madrid: c.s.i.c, 1992 [1950].
- Chafe, w.l. Significado e estrutura linguística. Trad. Maria helena moura neves. Rio de janeiro: livros técnicos e científicos, 1979 [1968].
- Corpas-pastor, g. Manual de fraseología española. Madrid: gredos, 1996.
- Corpas-pastor, g. Expresións fraseolóxicas e colocacións: clasificación. In: actas do i coloquio galego de fraseología. Vigo: xunta de galícia, 1997. P. 31-62.
- Durão, a.b.a.b. Et al. É possível compreender o significado das expressões idiomáticas de uma le mediante a decomposição das suas partes? In: durão, a.b.a.b (org.) Linguística contrastiva: teoria e prática. 1 ed. Londrina: moriá, 2004, v.1, pp. 153-162.
- Durão, a.b.a.b.; rocha, c.m.c. Expressões idiomáticas do espanhol: um osso duro de roer! In: durão, a.b.a.b; oliveira balbino dos reis, m.a. De; goes de andrade, o. (org.). Vários olhares sobre o espanhol: considerações sobre a língua e a literatura. Londrina: moriar, 2005, v.1, p.131-167.
- Firth, j.r. Modes of meaning. In: firth j.r. In: papers in linguistics 1934-1951. London: oxford university press, 1957. P. 190-215.
- Fraser, b. Idioms within a transformational grammar. Foundations of language. Cambridge, ma, v. 6. 1970. P. 22-42.
- Fulgêncio, l. Zoomorfismos, botanismos, gastronomismos: é assim que devem ser classificados os fraseologismos. Belo horizonte, caligrama, v. 9, n. 2, p.179-196, 2014.
- García-page, m.; sanchez, r. De los fines y confines de la fraseología. In: j. M. González calvo et al. (eds.): actas vii jornadas de metodología y didáctica de la lengua española: las unidades fraseológicas. Cáceres: univ. De extremadura, 2004. P. 23-79.
- García-page, m.; sanchez, r. Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones. Barcelona: anthropos editorial, 2008.
- Gross, g. L les expressions figées en français: nom composés et autres locutions, ophrys, paris, 1996.
- Haensch, g.; wolf, l.; ettinger, s.; werner, r. La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: editorial gredos, 1982.

Häusermann, j. Phraseologie: hauptprobleme der deutschen phraseologie auf der basis sowjetischer forschungsergebnisse. Niemeyer: berlin, 1977.

Jorge, g. Dar a língua: da comunicação às expressões idiomáticas. Lisboa: colibri, 1997.

Lang, m.f. Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico. Madrid: catedra, 1992.

Mejri, s. Séquences figées et expression de l'intensité. Cahiers de lexicologie, n. 65, p.111-122, 1994.

Mejri, s. Le figement lexical. Descriptions linguistiques et estruration sémantique, faculté de lettres de la manouba, tunisie, 1997.

Monteiro-plantin, r.s. Fraseologia: uma mão na roda na construção dos sentidos. Tunisie, synergies, n. 3, 2011a. P. 161-168.

Monteiro-plantin, r.s. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In ortíz-alvarez, m.l.; unternbäumen, e.h. Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas. 1 ed. Campinas: pontes, 2011b. P. 249-275.

Navarro, c. Fraseología contrastiva del español y el italiano (análisis de un corpus bilingüe). Revista electrónica de estudios filológicos, n. 13, jul., 2007.

Ortíz-alvarez, m. L. Expressões idiomáticas sinonímicas. Revista brasileira de linguística. São paulo, v. 12, 2003. P. 11-20.

Ortíz-alvarez, m. L. O papel das metáforas nas expressões idiomáticas. Revista horizontes da linguística aplicada (unb). Brasília, v. 4, 2004a. P. 19-36.

Ortíz-alvarez, m. L. O mundo da fraseografia. In: acta semiótica et linguistica, são paulo, v. 9, 2004b. P. 207-221.

Ortíz-alvarez, m. L. Cada macaco no seu galho/ cada oveja con su pareja: a metáfora animal nas expressões idiomáticas. In: acta semiótica et linguistica, v. 13, 2009. P. 09-24

Ortíz-alvarez, m. L.; unterbaumen, e. H. (orgs.). Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas. Brasília: pontes editores. 2011. P.14-52.

Pontes, a.l. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. Lugar revista de letras, v. 30, jan. 2010 /dez. 2011.

Rocha, c.m.c. As expressões idiomáticas e a motivação que a ela subjaz. Lugar revista entrelinhas, v. 7, n. 2. 2013. P. 173-187.

Ruiz-gurillo, l. Aspectos da fraseología teórica española. Valencia: universität de valencia, cuadernos de filología. Anejo xxiv, 1997.

Ruiz-gurillo, l. Las locuciones del español actual. Madrid: arco/libros, 2001.

Sabino, m.a. O campo árido dos fraseologismos. Goiânia, signótica. V. 23, n. 2, p. 385-401, 2011.

Saussure, f. Curso de linguistica geral. São paulo: cutrix. 2001 [1911]

Silva, j. P. Ensaios de fraseologia. Rio de janeiro: cifefil/dialogarts. 1998.

Silva, m.a. Fraseografia teórica y práctica. Frankfurt am main: peter lang, 2007.

Silva, m.a. Por uma produção fraseográfica efetiva: desafios e metas. In: ortíz-alvarez (org) tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia, v. 1, campinas: pontes 2012.

Strehler, r. G. Fraseologismos e cultura. Trabalhos em linguística aplicada, campinas, n. 48(1), 2009. P. 09-21.

Tagnin, s. O. Expressões idiomáticas e convencionais. São paulo: ática, 1989

Tagnin, s. O jeito como a gente diz. Barueri: disal. 2005.

Tagnin, s. Linguística de corpus e fraseologia: uma feita para outra. In: ortíz- alvarez, m.l.; unternbäumen, e.h. Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas. 1 ed. Campinas: pontes, 2011.

Vilela, m. Estruturas léxicas do português. Coimbra: almedina. 1979.

Wertheimer, a. M. Um estudo comparativo das expressões idiomáticas. Letras de hoje: estudos e debates de assuntos de lingüística, literatura e língua portuguesa, mar, v. 39 (1 [135]), 2004. P. 229-246.

Xatara, c. M. O resgate das expressões idiomáticas. Alfa: revista de lingüística. São paulo v. 39. 1995. P. 195-210.

Xatara, c. M. O campo minado das expressões idiomáticas. São paulo, alfa: revista de linguística, v. 42. 1998a. P.147-159.

Xatara, c.m. Tipologia das expressões idiomáticas. São paulo, alfa: revista de linguística. São paulo. V. 42, 1998b. P. 169-176.

Xatara, c.m. Les expressions idiomatiques: de la marginalité à la reconnaissance. Le français dans le monde, paris, v. 319, 2002. P. 28-29.

Zavaglia, c. Quem tem boca vai a roma: as cores dos provérbios. In: isquierdo, a.n.; finatto, m.j.b. (org). As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia e terminologia. V. 4. Campo grande: editora da ufms, 2010. P. 113-131.

Zavaglia, c. Domínios da linguagem: fraseologia e paremiología. Uberlândia: edufu, v. 8, n. 2. 2º semestre/2014.

Zuluaga, a. Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt a. M.: peter d. Lang. 1980.

Teses e dissertações

Fulgêncio, l. Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro. Belo horizonte, 2008, 489f. Tese (doutorado) – pontifícia universidade católica de minas gerais.

Ortíz-alvarez, m. L. Expressões idiomáticas do português do brasil e do espanhol de cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Campinas, 2000, 344f. Tese (doutorado). Instituto de estudos da linguagem da unicamp.

Xatara, c.m. As expressões idiomáticas de matriz comparativa. Araraquara, 1994, 140f. Dissertação (mestrado) – faculdade de ciências e letras, universidade estadual paulista.